



Direitos humanos valorizados através de oficinas de vídeo

Pág. 4



O som do saxofone realiza o sonho de criança de Valéria

Pág. 3



Música cura melancolia e une toda a família de Alessandra

Pág. 5



Oficinas do Projeto Cultura de Direitos geram inclusão social



A inclusão social é uma das vertentes das oficinas do Projeto Cultura de Direitos. Afinal, oferece oportunidades a todas as pessoas, de qualquer idade e nível social, o acesso à educação, à cultura e ao lazer.

A inclusão social é importante porque combate a segregação social e viabiliza a democratização de diversos espaços e serviços para aqueles que não possuem acesso a eles. Mais do que oportunidades, também acolhe e orienta crianças, adolescentes, adultos e idosos para que tenham uma vida mais equilibrada e direcionada a um futuro melhor.

O aposentado José Antonio da Silva, 72 anos, exaltou a missão de inclusão social

do Projeto Cultura de Direitos:

“São oficinas que oferecem cultura, conhecimento profissional e atividade física que podem transformar a vida das pessoas. Muita gente passou a ganhar o seu sustento com as oficinas, a somar no seu dia a dia, além de projetar o futuro”, avaliou.

Outro exemplo de inclusão social está nas oportunidades que surgem após o conhecimento adquirido nas oficinas.

O aeroportuário Benício Dias Simões, 48 anos, entrou para a oficina de Mídias Sociais com o objetivo de aprender a divulgar o seu trabalho como massoterapeuta nas redes sociais. O

resultado já superou as suas expectativas.

“Na primeira semana já conhecia várias ferramentas para divulgar o meu trabalho como massoterapeuta, que é a domicílio. Quanto mais cliente, melhor o lado financeiro”, comemorou.

Sonia Regina Conceição de Oliveira, 54 anos, ressaltou que a inclusão social gerada pelas oficinas do Projeto Cultura de Direitos é real quando se observa menos crianças nas ruas.

“Criança à toa na rua fica muito vulnerável. As oficinas oferecem cultura e conhecimento para o dia a dia e para o futuro. Uma oportunidade imperdível para qualquer cidadão”, comentou.

EXPEDIENTE:

Jornal Programa Cultura de Direitos - uma publicação Secretaria de Participação Social, Direitos Humanos e Mulher e da Casa da Cultura Centro de Formação Artística e Cultural da Baixada Fluminense/ CNPJ 36.446.029/0001-49./ Termo de Colaboração nº 01/2018/Termo Aditivo nº 04/2021 / Endereço da Sede do Programa: Rua Pereira Neves, 247, Centro, Maricá - Jornalista: Marcos Galvão RP: 17.356-RJ \ Textos: Edir Lima 17.515 JP / Assessor de Comunicação: Sergio Henrique/ Diagramador: Alexandre Campos/ Fotografia: arquivos do programa e da secretaria e Alexandre Campos / Impressão: C.W.V. Gráfica Editora e Bazar Eireli/ CNPJ 73.668.675/0001-87/, Avenida Beira Mar, 232, Aquarius (Tamoios), Cabo Frio, CEP 28.925-852/ Inscrição Municipal 10033568/ Tiragem 50.000 (cinquenta mil).

Sonho de aluna realizado através da oficina de sopro



”
Esse projeto
transforma vidas e
gera oportunidades
para as pessoas
ganharem
dinheiro
”

Quando Valéria Ferreira Cavalcante, 53 anos, tocou saxofone pela primeira vez para a família, a emoção tomou conta da casa. Afinal, era um sonho de criança aprender a tocar o instrumento, o que foi realizado com o conhecimento adquirido na oficina do Projeto Cultura de Direitos.

“Sempre tive esse sonho de tocar saxofone. Foi maravilhoso, levanta o meu astral. Quando vejo alguém tocando, isso mexe com a minha alma. Soube da oficina e logo imaginei: 'Ah, essa é a oportunidade'. Minha mãe ainda falou: e a sua idade? Eu falei que tinha que conseguir. Fiz as primeiras aulas, as crianças me deram força, não tive vergonha. Eu pedi e eles começaram a me ensinar. 'Tia toca aqui, uma interação total. Um momento mágico”, comemorou..

Valéria disse que para fazer a oficina de saxofone, o aluno passa por um período de adaptação.

“Tem que fazer flauta doce, exercitar com bola de gás, língua de sogra. Trabalhar bem o diafragma, todo dia, uma hora por dia. Se entrar direto no saxofone, vai babar o instrumento todo”, comparou.

A aluna exalta a divulgação realizada pelos agentes sociais. Segundo Valéria, as oficinas ajudam o jovem a sair das drogas e evitar as más companhias.

“Esse projeto transforma vidas e gera oportunidades para as pessoas ganharem dinheiro e apostarem no futuro. Os agentes atraem ainda mais crianças, adolescentes e adultos. Quanto mais as

oficinas forem divulgadas, menos crianças teremos nas ruas. Tem van para buscar tudo de graça. Fico orgulhosa quando toco para um amigo ou para alguém da minha família”, comentou.

Não faltam elogios para as videoaulas. Valéria lembrou que a tecnologia é de ponta e explica os detalhes, como a ótima imagem e o som para os alunos.

“Sem falar no conteúdo e no trabalho dos instrutores Patrick e Matheus. A implantação das videoaulas foi o melhor caminho para as oficinas serem mantidas”, avaliou.

Advogado lembra caso George Floyd para valorizar aulas de vídeo



O advogado Tomaz Vicente Nascimento Moreira, 30 anos, resolveu agregar ferramentas e técnicas de vídeo à sua carreira de advogado. O morador do bairro Recanto de Itaipuaçu decidiu entrar para as oficinas de videomaker, roteiro e foto do projeto Cultura de Direitos.

“Todo advogado precisa de um Instagram bem apresentável e eu sentia falta disso. Estou há três semanas na oficina de videomaker e já evolui bastante, algo além das minhas expectativas. Quero aprender ainda mais para evoluir na profissão. Na oficina de fotografia, por exemplo, você debate com os alunos e o professor como uma cena pode impactar”, frisou.

O conhecimento que vem adquirindo será avaliado na exposição de final de ano das oficinas. Tomaz prepara com carinho sua apresentação baseada em direitos humanos.

“Quero usar esses instrumentos e ferramentas para o meu trabalho, participar de um projeto que estimula a pensar dessa forma. É um olhar crítico, isso me estimula, uma forma de pensar a cidade. Foto e vídeo podem mostrar detalhes importantes que não foram observados anteriormente”, explicou.

Tomaz lembra o vídeo do caso George Floyd, um afro-americano assassinado na cidade de Minneapolis, em 25 de maio de 2020. Na ocasião, ele foi estrangulado pelo policial branco Derek Chauvin, que colocou o joelho em seu pescoço durante uma abordagem, por supostamente usar uma nota falsificada de 20 dólares em um supermercado.

O famoso vídeo mostrando os momentos finais da vida de George Floyd provocou reações no mundo inteiro contra o racismo

e a brutalidade policial na abordagem de negros.

“É isso que me fascina. Buscar foto ou vídeo que levem a transformações, como foi a do caso George Floyd, que correu o mundo, com grandes movimentos, e lembrou Martin Luther King - ativista norte-americano, lutou contra a discriminação racial e tornou-se um dos mais importantes líderes dos movimentos pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.

O advogado adiantou que pretende fazer faculdade de Psicologia por gostar de ajudar o próximo.

“No Direito, a ideia é ajudar, mas a realidade é outra. Você visa transformar as pessoas através dos direitos, mas na prática é mais complicado. Na Psicologia, você até consegue, por poder explorar o lado individual”, enfatizou.

Entusiasmo de Alessandra pela música contagia filhas nas oficinas



Além da melancolia com o aumento da pandemia no Brasil, Alessandra de Oliveira Assunção, 40 anos, vivia quase em depressão por conta de problemas particulares ocorridos em 2019. Quando presenciou uma aula de percussão da oficina do Projeto Cultura de Direitos, não pensou duas vezes.

“Estava passando na rua e ouvi aquele som agradável. Pensei que fosse ensaio de banda. Pedi para entrar e o professor me chamou para assistir a aula. Fiquei apaixonada. Além de fazer a matrícula, contei para as minhas filhas, que ficaram animadas para também se matricularem. Logo depois, entrei para a oficina de violão, outra paixão”, disse.

Segundo Alessandra, a matrícula das filhas teve que ser adiada por causa da idade delas.

“Na época, a mais velha tinha 8 anos e não tinha idade. Agora, com 10 anos, vai fazer oficina de violão e canto. A caçula tem 5 anos e pediu para fazer capoeira”, comentou.

A moradora do bairro Recanto elogiou o trabalho dos agentes sociais em divulgar as oficinas e encaminhar os problemas urbanos dos bairros para a prefeitura tomar as providências.

“Quanto maior for a divulgação, mais pessoas terão oportunidade de evoluir culturalmente e profissionalmente. Pode

ser o caminho que muitos procuram e não acham. Sem falar que tira as pessoas da ociosidade, ocupando o tempo da melhor maneira possível. Os agentes sabem passar a mensagem e atrair a população para as oficinas”, avaliou.

Alessandra lembrou que o isolamento social não prejudicou o seu aprendizado. Ela ressaltou que as videoaulas foram a melhor alternativa para manter o interesse e a motivação dos alunos nas oficinas.

“Quando as aulas foram suspensas, muita gente pensou em desistir. A surpresa ficou por conta do nível das videoaulas, do conteúdo, da tecnologia e da metodologia de ensino dos instrutores. Foi muito produtivo”, analisou.

Massoterapeuta ganha visibilidade com conhecimento da oficina de Mídias Sociais



Benício Dias Simões, 48 anos, se matriculou na oficina de Mídias Sociais com o objetivo de aprender a divulgar o seu trabalho como massoterapeuta nas redes sociais. E o resultado já superou as suas expectativas.

“Na primeira semana já conhecia várias ferramentas para divulgar o meu trabalho como massoterapeuta, pois atendo a domicílio. Quanto mais clientes, melhor o lado financeiro. O nível das aulas e dos instrutores é ótimo. Muita gente consegue emprego quando sai da oficina e agrega o conhecimento à sua profissão. O padrão é excelente. Hoje sou mais comunicativo graças às orientações dos instrutores e dos coordenadores”, avaliou.

A oficina de Canto deve ser a próxima investida de Benício. Ele contou que faz parte do coral de uma igreja.

técnicas de canto para melhorar a minha performance no coral. Quero fazer a matrícula ainda este ano. Já até divulguei o trabalho das oficinas na igreja para despertar o interesse de outras pessoas”,

”
Na primeira semana já conhecia várias ferramentas para divulgar o meu trabalho como massoterapeuta, que é a domicílio
”

adiantou.

Benício elogiou o trabalho dos agentes sociais. Segundo ele, as oficinas do Projeto Cultura de Direitos precisam ser bem divulgadas para atrair, principalmente, crianças e adolescentes. Ele ressalta que são muitas opções oferecidas que acabam fazendo a diferença na vida dos alunos.

“Os agentes sociais vão na casa dos moradores apresentar o conteúdo das oficinas. O aprendizado pode agregar muito no futuro de qualquer um. São várias histórias de pessoas que mudaram o rumo de suas vidas com o aprendizado das oficinas”, comentou.

Os agentes sociais fazem ainda o papel de apurar os problemas urbanos, através da visita que fazem nos bairros. Com isso, eles levam as informações para que a prefeitura tome as providências necessárias.

“Tenho muita vontade de aprender

Aluna se emociona com boa acolhida, logo no primeiro dia de aula



Sonia Regina Conceição de Oliveira, 54 anos, não esquece da receptividade que recebeu, logo no primeiro dia de aula na oficina de violão. Isso foi há dois anos e ela achava que teria dificuldade para se relacionar com a maioria dos alunos, devido a sua idade.

“Eu sabia que a maioria era adolescente e temia ter dificuldade em interagir com eles. Quando eu me lembro, fico emocionada. Fui maravilhosamente bem recebida. Eles me incentivaram a todo momento, perguntavam se estava tudo bem, se eu estava entendendo. Isso, sem falar no instrutor Leandro, que ensina de forma fácil e é muito atencioso com os alunos. Esse clima é contagiante para quem chega. Sou muito grata, melhorou muito minha autoestima. Gosto muito de tocar entre os amigos e na igreja, onde canto há muitos anos”, comparou.

Outra cena que Sônia considera

inesquecível no primeiro dia de aula foi encontrar algumas crianças, que costumavam andar pela rua, inscritas em várias oficinas.

”
Torço muito para que as oficinas atraiam ainda mais crianças e adolescentes
”

As oficinas ajudam a tirar as crianças e os adolescentes da rua. Oferecem cultura e

atividade física para que eles se ocupem e levem isso para o futuro. É a chance de descobrir talentos e dar oportunidade a muita gente e de somar conhecimento para um futuro profissional. É uma forma de ganhar dinheiro e sobreviver. Torço muito para que as oficinas atraiam ainda mais crianças e adolescentes para esse projeto”, analisou.

Sonia comentou que o interesse em aprender a tocar violão é bem antigo, mas ela disse que não tinha tempo por conta do trabalho. Quando soube das oficinas do Projeto Cultura de Direitos, próximo de sua casa, não pensou duas vezes e fez logo a matrícula.

“Melhor ainda que é tudo de graça. Eu morava em Cordeirinho, próximo do Polo de Imbuí. Agora, moro em Guaratiba, que fica longe. Sem problema porque uma van do Projeto vai buscar e deixar os alunos em casa”, disse, aliviada.

Aposentado exalta missão do Projeto Cultura de Direitos



A experiência que ganhou como presidente da Associação de Moradores fez com que José Antonio da Silva, 72 anos, se interessasse pelas oficinas do Projeto Cultura de Direitos. A inclusão social sempre atraiu as atenções do motorista de ônibus aposentado.

“São oficinas que oferecem cultura, conhecimento profissional e atividade física que podem transformar a vida das pessoas. Muita gente passou a ganhar o seu sustento com as oficinas, somar no seu dia a dia, além de projetar o futuro. E tudo é de graça. Sou apaixonado por projetos sociais e esse é perfeito. Estou realizando o meu sonho de aprender violão”, comemorou.

O aposentado exaltou o trabalho dos agentes sociais. Segundo ele, a divulgação de porta em porta transmite confiança e

credibilidade ao morador. José Antonio torce para que o maior número de crianças e adolescentes sejam beneficiados.

“São os mais vulneráveis nos dias de hoje. Com as oficinas, eles ocupam o tempo com conhecimento e levam isso para uma profissão. O nível das aulas e dos instrutores é ótimo, sem falar no benefício para os adultos, que melhoram a autoestima e descobrem novos caminhos para o seu dia a dia. Fui muito bem acolhido e estimulado pelos instrutores e coordenadores. Os agentes têm um papel especial, fazendo boa comunicação, e o projeto cresce ainda mais”, contou.

José Antonio compara as oficinas como um trabalho de prevenção da Prefeitura. “É muito mais barato prevenir do que tratar a doença ou o problema social. Imagina evitar

” É muito mais barato prevenir do que tratar a doença ou problema social. Imagina evitar que crianças e adolescentes entrem no caminho das drogas! ”

que crianças e adolescentes entrem no caminho das drogas, através das oficinas! O projeto é grandioso e combate a exclusão social, oferecendo conhecimento, orientação, acolhimento e atividades para conquistar e aumentar a inclusão social”, comentou, emocionado.